



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Líbano

Beirute - Líbano, 05 de dezembro de 2003

Excelentíssimo senhor Eduardo Duhalde, ex-presidente da Argentina e presidente da Comissão de Representantes Permanentes do Mercosul,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,
Senhores ministros do Líbano,

Senhor Adnan Kassar, presidente da Federação das Câmaras de Comércio, Indústria e Agricultura do Líbano,

Senhor Alfredo Cotait, presidente da Câmara de Comércio Brasil-Líbano,
Senhores empresários brasileiros e libaneses, empresárias brasileiras e libanesas,

Meus amigos, minhas amigas,

Meu caro ministro Luiz Furlan, ministro de Estado do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil,

Meu caro companheiro Ciro Gomes, ministro de Estado da Integração Nacional do Brasil,

Meu caro Walfrido dos Mares Guia, ministro de Estado do Turismo do Brasil,

General Jorge Félix, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República,

Senhor Marconi Perillo, governador do estado de Goiás,

Senhor Lúcio Alcântara, governador do estado do Ceará,

Senhor Paulo Hartung, governador do estado do Espírito Santo,

Senhora Wilma Faria, governadora do estado do Rio Grande do Norte,

Meu caro embaixador Marcus De Vincenzi, embaixador do Brasil no Líbano,



Senador Ney Suassuna,
Senador Ramez Tebet,
Deputado Paulo Pimenta,
Deputado Ricardo Izar,
Deputado Nelson Trad,
Deputado Simon Sessim,
Deputado Devanir Ribeiro,
Deputado João Herrmann,
Meu caro José Eduardo Dutra, presidente da Petrobrás,

Primeiro, quero falar dos empresários e dos governadores, do Brasil, que estão aqui. São governadores de estados muito importantes do meu país. Possivelmente São Paulo e Rio de Janeiro sejam mais conhecidos dos nossos queridos irmãos libaneses, mas, hoje, quem quiser pensar em negócios, agronegócio e turismo, os estados que estão aqui representados estão em um momento de desenvolvimento excepcional no Brasil.

Quero que os governadores possam manter contato com os empresários aqui presentes e possam ter a sorte de fazer bons e grandes negócios para os seus estados e, conseqüentemente, para o Brasil.

Quero agradecer a oportunidade de participar deste seminário empresarial, que congrega tantas e tão expressivas lideranças empresariais dos nossos países, para discutir temas de interesse direto do mundo da produção.

É uma honra estar aqui, com quem representa a economia real das relações Brasil-Líbano. Queremos que nossos laços de amizade e de sangue se transformem numa parceria efetiva, com benefícios concretos para nossos povos.



No passado, imigrantes libaneses contribuíram, com sua energia e denodo, para desenvolver o Brasil moderno. Em anos recentes, imigrantes brasileiros desenharam o caminho inverso, ajudando a construir um novo Líbano.

Hoje, estamos determinados a unir essas correntes de trabalho e solidariedade através do comércio e dos investimentos, fazendo do fluxo de bens e de pessoas uma fonte de progresso e bem-estar para os nossos concidadãos.

Este é o objetivo de minha vinda ao Líbano: mobilizar todos os setores de nossa sociedade em favor do relançamento de nossas relações. O Seminário Empresarial é uma oportunidade excepcional para buscarmos reforços para o que já fazemos. O nível de nosso comércio, de pouco mais de 50 milhões de dólares, é incompatível com a densidade de nossa história comum.

Sem dúvida, um dos principais desafios a enfrentar é o fato de que o comércio é muito desequilibrado em favor do Brasil. Um aspecto positivo a registrar é que esse desnível explica-se, em parte, pelo aumento significativo – aproximadamente 35%, só este ano – das exportações brasileiras. Cabe, agora, promover aumentos comparados às vendas libanesas no Brasil. Parte das respostas está na diversificação da pauta libanesa.

O Brasil está disposto a explorar maneiras de contribuir para esse esforço, ajudando a intensificar empresas brasileiras interessadas em importar produtos libaneses.

Queremos que nosso intercâmbio seja, cada vez mais, uma expressão das potencialidades e criatividade de nossas nações. Os acordos que estamos assinando, de cooperação no campo da educação, ciência e tecnologia, nos ajudarão a melhorar a condição de nossos países na economia mundial.

Senhoras e senhores,

Este seminário oferece ocasião para que se fortaleçam antigos contatos



e se avaliem novas oportunidades. Este encontro será uma excelente preparação para a visita ao Brasil do presidente Lahoud, no ano que vem. Faço votos de que ele se faça acompanhar de expressiva delegação empresarial. Esperamos poder contar com o continuado apoio da Câmara de Comércio, Indústria e Agricultura de Beirute e Monte Líbano e da Câmara de Comércio Brasil/Líbano, em parceria com a comunidade empresarial brasileira, que poderá organizar a seqüência desses contatos no Brasil, em seminários de alto nível, possivelmente em 2004. Estou certo de que, sob a magistral presidência do dr. Adnan Kassar, a Federação contribuirá, mais uma vez, para aproximar empresários e facilitar negócios entre nossos países.

Entre as iniciativas que poderemos lançar, já no início de 2004, para imprimir uma dinâmica mais intensa e sistemática às nossas relações, quero ressaltar a importância da abertura de uma linha marítima direta e a abertura de vôos diretos entre Beirute e São Paulo.

Sabemos que nossas relações, em especial no terreno comercial, jamais serão fortes e duradouras se não dispusermos de meios de comunicação e transporte rápidos e eficientes. Tem toda razão o empresário que se queixa de que é muitas vezes mais rápido e mais barato viajar para o Extremo Oriente, por exemplo, do que para o Oriente Médio ou África, apesar de estarem bem mais próximos do Brasil.

Se quisermos que nossos ideais de cooperação e integração sejam mais do que um exercício de retórica temos que trabalhar para encurtar essas distâncias.

Na América do Sul, aprendemos essa lição e nos engajamos no ambicioso empreendimento de construir um espaço econômico e comercial integrado.

O Brasil, com os seus vizinhos, está implementando um programa de obras e infra-estrutura física que acelerará a transformação de uma zona de livre comércio no continente sul-americano.



Estamos derrubando barreiras burocráticas e tarifárias, ao mesmo tempo em que construímos pontes e melhoramos as comunicações. É, portanto, com toda convicção que posso afirmar ao empresariado libanês que o Brasil é mais do que um mercado amplo e diversificado de 170 milhões de consumidores. É também uma porta de entrada para o Mercosul, o terceiro maior bloco comercial do mundo, para a América do Sul e para a Associação Latino-Americana de Integração, que abarca todo o Continente.

Queremos compartilhar essa experiência com os países árabes e explorar, juntos, como melhor aproveitar as possibilidades que se abrem para uma integração econômica e comercial entre nossas regiões.

Para agilizar esse diálogo, convidei para participar desta viagem o ex-presidente da República Argentina, Eduardo Duhalde, que assumiu recentemente a Presidência da Comissão de Representantes Permanentes do Mercosul. Queremos o Líbano como parceiro privilegiado nesta empreitada.

Se hoje os números do nosso comércio bilateral são modestos, isso deriva do fato de grande parte de nossas trocas se processar por terceiros países. Este fato sublinha algo que precisamos valorizar.

O Líbano é um pólo de ligação entre o Ocidente e o Oriente, graças a uma economia certa e um meio empresarial e financeiro empreendedor, hábil na intermediação de negócios.

Vamos ampliar e aprofundar uma estratégia que faça de Beirute a ponta de lança das exportações brasileiras para o Oriente Médio e outros mercados do mundo árabe.

Já estamos pondo essa proposta em ação. Em terrenos que o governo libanês gentilmente doou será construída, numa parceria do setor público brasileiro e de empresários de origem libanesa, a Casa Brasil. Poderemos contar com o empresariado libanês, herdeiros de milenar tradição comercial e com profundas raízes na região.

Teremos, assim, condições para buscar parceiros, criar cadeias



produtivas, fazer prospecção conjunta de mercado, melhorar a imagem de nossas indústrias em terceiros mercados, potencializar os méritos da qualidade e da competitividade de nosso parque produtivo. Vamos consolidar o papel de Beirute como plataforma para os negócios brasileiros.

É dentro do mesmo espírito que meu governo propôs encontros de líderes dos países da América do Sul e países árabes, a realizar-se no ano de 2004 no Brasil. Esse exemplo levará adiante nosso esforço de aproximação. Poderemos estudar novas formas de coordenar posições sobre temas de agenda internacional.

Vamos usar nossas afinidades para multiplicar nossa cooperação, não apenas na área econômica e comercial, mas também nas esferas diplomática, científica, tecnológica, social e cultural. Desse esforço resultarão, estou seguro, mais negócios, mais riquezas para alcançarmos mais desenvolvimento e mais bem-estar para os nossos povos.

É com essa convicção que desejo a todos êxito em seus negócios, até nosso próximo encontro no Brasil

Meus amigos e minhas amigas, eu não poderia concluir o meu discurso sem lembrar o que disse aqui o Presidente da Federação: que o último chefe de Estado brasileiro que esteve no Líbano foi D. Pedro II, em 1876, no século XIX. Isso demonstra o quanto, muitas vezes, perdemos a noção da importância da relação humana para fazermos uma boa relação comercial.

Há muito tempo, milhões de irmãos libaneses escolheram o Brasil como sua segunda pátria. Alguns até já transformaram o Brasil na primeira pátria, porque lá nasceram, lá constituíram família, lá fizeram os seus negócios, lá estão criando seus filhos e ajudando o nosso querido Brasil a crescer economicamente, politicamente e socialmente.

Esta minha visita ao mundo árabe e ao Líbano tem como principal objetivo não apenas o fator comercial, que citei no meu discurso e que é muito importante, e queira Deus que muitos dos empresários brasileiros aprendam



com os empresários libaneses a arte de negociar, a arte de fazer negócio. Mas a viagem também tem o objetivo de recuperar a nossa relação política e cultural. Eu sou um político que não acredita que o ser humano possa ser tratado como se fosse uma coisa estática, uma coisa virtual. O ser humano é movido pelas relações humanas, é movido pela emoção, é movido pela sensibilidade do convencimento.

Nós estamos aqui para dizer para vocês: nós queremos, nesses próximos anos, fazer da relação Líbano-Brasil e Brasil-Líbano aquilo que poderia ter sido feito há quinze ou vinte anos. Fazer do Líbano e fazer de Beirute uma porta muito grande de entrada do comércio brasileiro para o mundo árabe. E, em contrapartida, queremos oferecer ao mundo árabe, através do Líbano, o Brasil como porta de entrada para uma boa relação com o Mercosul e com a América do Sul.

Estamos vivendo um momento tão excepcional na história do comércio mundial, que a nós, brasileiros e libaneses, está reservado o destino e, sobretudo, o compromisso de decidir se vamos querer continuar fazendo as coisas como sempre fizemos ou se vamos querer avançar, em poucos anos, mais do que avançamos nesses muitos anos das nossas relações.

O mundo rico, o mundo desenvolvido, quando se trata de negócios, age com muita dureza em defesa dos seus interesses. Por isso é que, na Organização Mundial do Comércio, temos tantas dificuldades para fazer com que os europeus e os americanos abram mão dos subsídios dos seus produtos, sobretudo os agrícolas, para que os países em desenvolvimento possam competir em igualdade de condições. Afinal de contas, o livre comércio precisa ser uma via de duas mãos. O livre comércio não pode ser apenas a possibilidade de nós comprarmos o que os ricos produzem e não conseguirmos introduzir os nossos produtos nos seus mercados.

Por isso, esta reunião, para mim, é histórica. Possivelmente muita gente não tenha a dimensão do significado da nossa viagem ao mundo árabe. Da



mesma forma que, durante muitos e muitos anos, o Brasil esteve voltado para a Europa e para os Estados Unidos, muitas vezes também os países árabes estiveram olhando apenas para um lado do Planeta. Está na hora de mudarmos a geografia comercial do mundo. Se, sozinhos, nenhum de nós pode competir com os países ricos, juntos nós teremos muita força para competir com igualdade e fazer com que os países ricos flexibilizem suas regras, para que nós possamos competir em igualdade de condições.

Mudar a geografia do comércio no mundo significa a América do Sul olhar para o mundo árabe, não apenas para os conflitos que a Imprensa ou a televisão dos nossos países mostram, mas vendo a possibilidade da relação política, da relação cultural, da relação econômica, com empresas dos países árabes investindo na América do Sul e no Brasil, e empresas da América do Sul e do Brasil investindo no mundo árabe. Afinal de contas, o bom comerciante não é aquele que quer levar vantagem em tudo, não é aquele que apenas quer vender e não quer comprar; o bom comerciante é aquele que depois do negócio sai feliz, mas o seu interlocutor sai feliz também, porque fez um grande negócio.

É assim que nós precisamos enxergar o mundo do comércio. Não é um país sufocando o outro, não é um país vendendo mais do que o outro. É preciso que haja uma relação equânime para que as duas, ou mais nações, possam sobreviver e melhorar a qualidade de vida do seu povo.

É com esse objetivo que eu estou aqui, para dizer aos companheiros empresários, políticos, homens, mulheres e crianças deste país: não estamos aqui apenas com uma visão comercial, com uma visão econômica, porque, antes de tudo, Brasil e Líbano são países irmãos. E os libaneses e os brasileiros podem dizer uma frase que vocês utilizam muito no Brasil: nós somos “primos” de verdade.

Muito obrigado.

/rss/cms